



## A MISSÃO CABUGÁ NOS EUA: UMA PÁGINA DA REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA DE 1817

Gustavo dos Santos Ribeiro<sup>1</sup>

Prof. Dr. Flavio José Gomes Cabral<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo procura investigar a partir da bibliografia, jornais e teses além de fontes impressas a missão de Antônio Gonçalves da Cruz, dito Cabugá, nomeado pelos revolucionários de 1817 embaixador nos Estados Unidos da América. Pouco se escreveu sobre sua atuação considerada infrutífera o que na realidade procuramos demonstrar o contrário. Ancorada nos estudos da história cultural a pesquisa procurar entender a Revolução Pernambucana de 1817 pela ótica da história diplomática e sua repercussão no exterior.

**Palavras-chave:** sediação, cultura política, Pernambuco.

### ABSTRACT

The article search investigate from bibliography, journals and thesis beyond of sources printed the mission of Antônio da Gonçalves da Cruz, surname Cabugá, named by revolutionaries of 1817 ambassador to the United States of America. Little has been written about his work considered fruitless to try to demonstrate that in fact the opposite. Anchored in the study of cultural history research seek to understand the Pernambuco Revolution of 1817 from the perspective of diplomatic history and its impact on foreign

**Keywords:** headquarters, political culture, Pernambuco.

### INTRODUÇÃO

A missão de Cabugá de 1817 pelo governo provisório de Pernambuco nos Estados Unidos da América se foca em três partes: de conseguir armamentos, soldados e apoio formal do governo norte americano. Dessa viagem foram feitas confrontações de fontes e buscar a resoluções sobre sua participação na Revolução Pernambucana; Por quê ele foi escolhido? Sua viagem foi frustrada? Isso será discutido neste texto. E também se o cônsul Joseph Ray teve importância para o qual emissário conseguisse tal desenvolvimento na política americana ao praticar o *lobby* em favor dos insurgentes portugueses da América na província de Pernambuco.

<sup>1</sup> Graduando do 5º período e pesquisador Pibic de Licenciatura em História pela Unicap. E-mail: gustavodosantosribeiro@hotmail.com

<sup>2</sup> Prof. Dr. Orientador Pibic em História pela Unicap. E-mail: gomescabral@uol.com.br



## QUEM FOI CABUGÁ?

Antônio Gonçalves da Cruz nasceu aproximadamente em 1775 no Recife, filho de Manoel Gonçalves da Cruz, uma rica família comerciante que residia no centro da freguesia da ilha de Santo Antônio. Seu apelido Cabugá vem da sua infância por não saber falar a palavra esburgar ao perguntar aos clientes da loja de ourivesaria do pai se queriam “bugá?” (limpar) o ouro.<sup>3</sup> Conta-nos Cleonir Graça e Costa:

“Moço e não malfigurado, tendo viajado pela Europa, trata-se com mais asseio e decência do que os que nunca saíram de Pernambuco”. Tinha “grande afabilidade e trato agradável” que encantava a todos. O jogo corria alto em sua casa, outro fator de atração para difundir suas ideias republicanas. Era também propagandista da maçonaria, cujos princípios aprendera na França.....”<sup>4</sup>

Na sua propriedade no arrabalde do Manguinho, (atual Parque Amorim) reunia a maçonaria onde debatias ideais liberais republicanos com outros grandes membros da sociedade pernambucana da época. E donde se diz ter tido o planejamento da revolução de 1817. Lá em sua residência se diz que possuía uma grande biblioteca com livros de idéias iluministas e republicanos franceses.<sup>5</sup> Esta sua virtude não era por acaso muito antes outros insurgentes tentaram implantar um Estado parlamentar com monarquia representativa e fracassaram muito mais rápido do que a ele iria participar.

## MISSÃO NOS EUA

A missão de Cabugá que duraria dois meses foi de comprar armas na cidade de Baltimore para os revolucionários pernambucanos, conseguir reconhecimento formal da República de Pernambuco ao governo dos Estados Unidos e recrutar franceses e americanos dispostos a lutar na revolução. Partiu no navio Gipsy em 24 de março e desembarcou em 14

---

<sup>3</sup> Silva, F. C. de Lemos e. Os Mártires Pernambucanos Victimados da Liberdade Nas Duas Revoluções Ensaiadas em 1710 e 1817, 1853. (Biblioteca digital do Senado Federal);

<sup>4</sup> MARIZ, Vasco. Napoleão Bonaparte e a Revolução Pernambucana de 1817. R IHGB, Rio de Janeiro-RJ, a. 170, n. 444, pp. 13-440, jul./set. 2009.

<sup>5</sup> Costa, Francisco Augusto Pereira da. Dicionário Biográfico de Pernambucanos Celebres. Ed. Typographia universal, Recife-PE, 1882. (Biblioteca digital do Senado Federal);



de maio de 1817 em Boston, com 800.000 dólares<sup>6</sup>, dinheiro das vendas de muitos de seus bens imóveis:

“Curiosamente, disse acima, porque tudo isto é referido alguns anos depois de ter Hildebrando Accioly publicado já o seu *Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América* (São Paulo, Brasiliana, 1936), em que dedica doudas páginas a Antônio Gonçalves da Cruz, o Cabugá, e onde trata sobejamente de sua designação para os Estados Unidos pelo Governo Provisório da Revolução de 1817...No dia 19, publica o jornal, ainda, despachos dos Estados Unidos a respeito da missão do Cabugá, informando ser improvável seu recebimento oficial pelo governo norteamericano<sup>49</sup>. Gonçalves da Cruz chegou a Boston em 14 de maio, a bordo do navio *Gipsy*, que saíra do Recife no dia 6 de abril, Domingo de Páscoa<sup>67</sup>. No dia seguinte a sua chegada, já o *Boston Daily Advertiser* anunciava, em uma nota sóbria, a chegada de “Sua Excelência Antônio Gonzalo <sic> da Cruz, ministro do novo governo de Pernambuco nos Estados Unidos, e comitiva” (“His Excelency Antonio Gonzalo da Cruz, minister from the new government of Pernambuco to the United States and suite”), e no dia seguinte, em matéria que, como a anterior, seria transcrita também pelo *National Intelligencer*, o *Boston Patriot* saudava com “grande satisfação” (“great pleasure”) a chegada do Cabugá.”<sup>7</sup>

Sua escolha para tal serviço se deve a sua experiência na Europa e saber fluente inglês e francês. Lá obteve duas embarcações, “Parangon e Pingüim”, que levavam munições e soldados para o Recife e soldados bonapartistas e norte-americanos (não chegaram ao destino para salvar Bonaparte da prisão inglesa da ilha de Santa Helena próxima da costa africana). Ele ao chegar no E.U.A era o “Presidente do Erario” (um ministro da fazenda pernambucano) e coronel do exercito revolucionário, mas foi apresentado na reunião do Departamento de Estado norte americano como *Chargé d’Affaire*.

Ele nesse encontro foi entrevistado por Caesar Rodney, enviado especial do Presidente, e com William Jones, Presidente do Banco dos Estados Unidos no dia 5 ou 6 de junho na Filadélfia. E neste mesmo dia recebeu uma carta de Rodney do presidente norte americano dando lhe autorização de visitar o Secretário de Estado Richard Rush em Washington, comprar armamentos e contratar militares. E em 16 de julho Antônio da Cruz escreveu uma carta ao presidente James Monroe solicitando o reconhecimento da República de Pernambuco.

Essa comunicação foi conseguida provavelmente com auxilio do então posteriormente cônsul norte-americano em Recife senhor Joseph Ray que tinha já comercio com seu sócio

<sup>6</sup> *Pernambuco e os Estados Unidos*. Artigo publicado no Diário de Pernambuco, na edição de 02.05.2006. Humberto França é escritor, chefe de projetos especiais do Museu do Homem do Nordeste e responsável pelo Espaço Cultural Mauro Mota, da Fundaj;

<sup>7</sup> Mourão, Gonçalo de Barros Carvalho e Mello. A revolução de 1817 e a história do Brasil: um estudo de história diplomática. – Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009, 121p.



Joseph Bryan e o mesmo acompanhou Antônio Gonçalves a América no navio. Ele chegaria ao porto recifense em 6 julho , provando que não se encontrou com Cabugá. E este lá foi de papel muito importante para ajudar a esconder refugiados, como já foi depois confirmado pelo governo americano na entrevista que o embaixador de Pernambuco faria com o departamento de Estado em Washington. Demonstrou assim a já batalha continua pelo mercado das colônias hispânicas e lusas pelas indústrias inglesas e das 13 colônias dos Estados Unidos, o qual vem fazendo para conseguir destabilizar o monopólio inglês nas províncias brasileiras.

Após a derrota o embaixador foi notificado de que seus bens foram confiscados pela devassa e que foi condenado à morte por traição a coroa portuguesa, por isso, se alojou por longos anos nos Estados Unidos sobre a proteção de exilado. Como já foi tratado numa das pautas com o governo americano. E se sabe que ainda apoio a continua tentativa de Ray ao incitar outras batalhas porém não obteve sucesso e viveu por o resto de sua vida como comerciante na Veneza brasileira. Esses diversos entraves foram o que formaram a decisão de D. João VI aceitar retornar a Portugal e seu filho proclamara a independência do país.

## VIAGEM PERDIDA?

Alguns livros relatam que sua expedição foi frustrada, pois não obteve o reconhecimento formal da nova pátria nordestina. Entretanto mesmo em suas análises se podem ver que há evidências do contrário especulado:

“Renato Mendonça, finalmente, publicou, no México, em 1945, pelo Instituto Panamericano de Geografia e História, uma *História da Política Exterior do Brasil*. Também aqui é totalmente ignorada a Revolução de 1817, ou qualquer comoção no nordeste à época. Os documentos oficiais de Pernambuco são, sobretudo, o credenciamento e as instruções a Gonçalves da Cruz e os relatórios que do enviado restam sobre seus encontros com autoridades norteamericanas. Aqueles documentos deixam claro o realismo da visão que os revolucionários tinham do cenário internacional e o quanto o Cabugá foi capaz de obter, de novo realisticamente, do governo norteamericano, no pouco tempo em que esteve nos Estados Unidos revestido ainda da autoridade que lhe conferiu o breve Governo da República de 1817. O primeiro documento que considerarei é o que nomeia Gonçalves da Cruz “residente na América”<sup>8</sup>”

<sup>8</sup> Mourão, Gonçalo de Barros Carvalho e Mello. A revolução de 1817 e a história do Brasil: um estudo de história diplomática. – Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009, p34.



Contudo não se apresenta que foi em vão sua ida por que conseguiu muitos aliados importantes como o ex-presidente John Adams, quem se agradou muito de Cabugá e relatando a Thomas Jefferson em carta sobre seus ideais:

“Cabugá did not succeed in securing recognition of his government, but he was received informally by a number of important persons. Before he left Boston he went to Quincy and called upon John Adams, whose reaction was quite favorable. In a letter to Thomas Jefferson, John Adams wrote on May 26, 1817, that he had been visited by “the Pernambucan Ambassador...”<sup>9</sup>

A sua habilidade diplomática conseguiu seus objetivos apesar dos acontecimentos no Brasil, os quais não tiveram êxito. Ele já tinha em mente ordens de tentar o pedido de reconhecimento, no entanto não era sua principal tarefa e sim conseguir armas. E conseqüentemente durante o império brasileiro foi convocado por D. Pedro I para ser mais uma vez embaixador:

“Em verdade, os EUA não podiam entender-se oficialmente com o representante de uma república nascente, não reconhecida ainda por país algum, mas era clara a simpatia do Presidente James Monroe pela independência das colônias espanholas e portuguesas. Ele recebeu Cabugá apenas em caráter particular, mas isso não o impediu de dar-lhe apoio para negociar a compra de armas em Baltimore. Fato importante fora a anterior decisão do Departamento de Estado norte-americano de designar um representante permanente no Recife, o cônsul Joseph Ray, que desempenharia papel significativo no decorrer da revolução de 1817, abrigando inclusive em sua casa cidadãos franceses que chegavam para incorporar-se à expedição que iria sequestrar Napoleão. A oportunidade era esplêndida para os emigrados franceses nos EUA, que se aproveitaram dos bons ofícios de Cabugá em Washington e da estratégica posição do cônsul Ray no Recife.”

Tudo isso que diz sobre sua frustração se deve aos esforços do ministro português, o qual o governo provisório incumbiu a Cruz não enfrentar por causa do acordo de neutralidade dos americanos feito pelo embaixador Correia três dias antes da chegada do revolucionário a Boston. Mas que não o impedia de se fazer compras de munições, apoiadas pela constituição norte americana. Tanto que muito do que se foi diplomaticamente conseguido já estavam previstos e foram de maneiras informais dadas por iniciativas do Monroe.

Nas reportagens de Mario Mello colocasse informações muito importantes e pouco estudadas deste primeiro caso de relações exterior acima vinda dos próprios colonos e não da corte portuguesa. Esses dados foram achados por Aurélio Porto, gaúcho e gestor encarregado do Arquivo Histórico do Itamaraty e 1939. Este convidou o jornalista e historiador Mello a ir

---

<sup>9</sup> KAHLER, Mary Ellis. Relations between Brazil and the United States, 1815-1825, with especial reference to the revolutions of 1817 and 1824. Washington: The American University, 1968. Tese (Doutorado em Filosofia) – American University, Faculty of the College of Arts and Sciences, 1968, p.98.

ao Rio de Janeiro para olhar esses arquivos antes nunca estudados. Estavam numa pasta que continua 11 artigos relativos a revolução e Antônio Gonçalves da Cruz.

...a revolução republicana de 1817: Ultra preciosos, porém, os relatos à missão Cabugá, porque nunca estudados, e cuja existência era completamente ignorada.

Contém o caderno onze documentos originaes: 1 — Nomeação, pelo governo provisório, em papel timbrado, de Antonio Gonçalves da Cruz, como enviado da Republica Pernambucana aos Estados Unidos. 2 — Instruções do mesmo governo, dadas ao seu Enviado. 3 — Lista do armamento de guerra a ser comprado por Antonio Gonçalves da Cruz, nos Estados Unidos. 4 — Proclamação do governo republicano, concitando os patriotas á sustentação da liberdade jurada. 5 — Carta de ordem do chefe do governo Domingos José Martins a Antonio Gonçalves para dar patentes a corsarios. 6 — Outra lista do armamento para serem enviados dos Estados Unidos. 7 — Recibo do coronel fran-

espingardas leves para caçadores; 5000 não muito pesadas, imitação da Infantaria Francesa, para a Infantaria; 5 morteiros de 3 polegadas; 5 de 6 polegadas e 5 de 9 polegadas.

No mesmo dia de sua nomeação, conforme recibo de José Bryan, na importancia de 340\$, Cabugá comprou três passagens para Boston, no brigue estadunidense Gipsy para elle "e dois patriotas mais, que vão em sua companhia". De um já sabemos o nome, pelo encargo que lhe deu Gervasio Pires Ferreira. Quem será o outro?

Quando chegaram a Boston e o que em Boston fizeram, não se sabe pela documentação. Verifica-se, porem, que no começo de junho estava em Philadelphia e no meiado do mesmo mês em Washington.

**A COOPERAÇÃO FRANCESA**

De acôrdo com as instruções de seu governo, Cabugá contra-

patentes a corsarios. 6 — Outra lista do armamento para serem enviados dos Estados Unidos. 7 — Recibo do coronel francês Latapie, apastado por Antonio da Cruz, em Nova York, para vir commandar o exército dos patriotas. 8 — Carta de Latapie ao mesmo, de agradecimento do diabo que havia recebido, assegurando que ia partir para sua patria adoptiva. 9 — Artigos concertados por Cruz com o governo dos Estados Unidos, sobre a sorte da Republica Pernambucana. 10 — Recibo de José Bryan, de 340\$, das passagens de Antonio Gonçalves da Cruz e mais dois patriotas, de 28 de março de 1817, no brigue estadunidense Gipsy, para o porto de Boston. 11 — Minuta, sem data, do pedido de demissão do Enviado. 12 — Notas sobre as fragatas construidas nos Estados Unidos para o governo do Brasil. 13 — Correspondência de Antonio Gonçalves da Cruz com Hyppolito José da Costa. 14 — Carta de Antonio Gonçalves da Cruz a

**A COOPERAÇÃO FRANCESA**

De acôrdo com as instruções de seu governo, Cabugá contratou os serviços do coronel Latapie, refugiado na America, abonando-lhe a quantia de 340\$ duzentos, conforme recibo de 5 de junho, datado de Philadelphia.

Parece que no mesmo dia seguiu Latapie para Nova York, pois, no dia 4 Cabugá lhe enviava seis cartas para que as trouxesse ao Brasil. Latapie lhe responde a 10, dizendo-lhe que as recebera e que as entregará quando tiver "a felicidade de chegar á sua patria adoptiva, a que servirá com o mesmo zelo que sempre o animou quando serviu a seu pais natal". Espera partir no fim da semana ou no principio da semana vindoura.

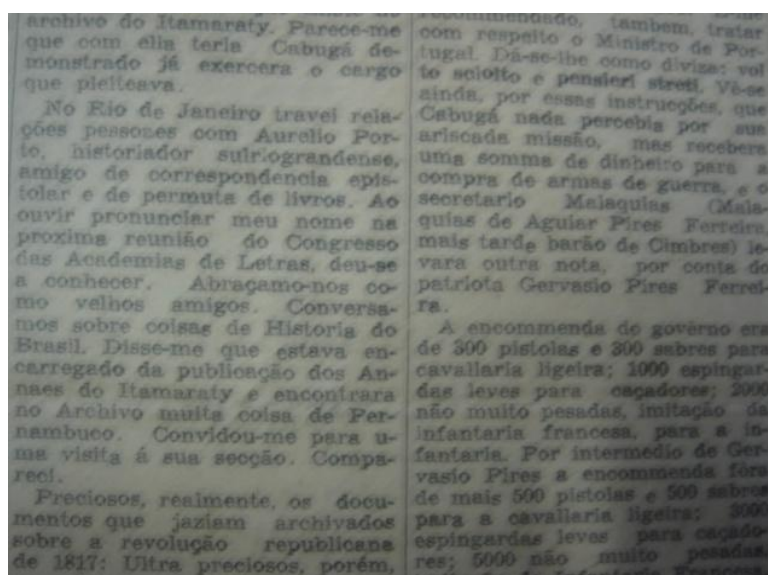
Sabe-se, por documentos outros, estudados por Ferreira da Costa, que Latapie estava envolvido na conspiração bonapartista cujo escope era, fazendo de Pernambuco centro de acção, li-

Mello, Mario. *A Missão Diplomática de Pernambuco em 1817*. Jornal do Comércio, dia 4 de setembro de 1939, pg2.

Mello, Mario. *A Missão Diplomática de Pernambuco em 1817*. Jornal do Comércio, dia 4 de setembro de 1939, pg2.

Com isso ele escreveu sua reportagem especial nos dias 4 e 5 de setembro respectivos do final de semana. Só transcreveu algumas partes por respeito ao outro historiador gaúcho que o convidou a ver tais fatos diplomáticos e que iria apenas redigir seus estudos a cerca dos documentos lidos.

Nestes papéis que davam autoridade a Cruz de comprar de acordo com um lista espadas, pistolas, morteiros e etc. para a cavalaria pesada e ligeira, além de direito de dar cartas de corso a navegações entrarem em território do Rio Grande do Norte, Paraíba Pernambuco dispostas a lutar pela recém república e cartas e recibos.



Mello, Mario. *A Missão Diplomática de Pernambuco em 1817*. Jornal do Comércio, dia 4 de setembro de 1939, pg2.

O que faltava ainda ser transcrito e publicado seria realizado por Aurélio Porto. Prometendo a Melo copia e fornecendo mais dados sobre o nosso embaixador nos E.U.A e depois só trazidas em 1826 quando sua pena de morte foi perdoada pelo imperador.

Mello, Mario. *A Missão Diplomática de Pernambuco em 1817*. Jornal do Comércio, dia 4 de setembro de 1939, pg2.



Dentre vários estudos o tema é repetido, mas estão chegando a um consenso do que foi feito no norte da América, e ainda se tem bastante a ser debatido sobre o tema aqui apresentado por quê a lacunas sobre como e se Joseph Ray foi de importância para incitar a insurreição.<sup>10</sup>

O descontentamento não parou como se percebeu e as crescentes punições as províncias continuariam durante o império. Tanto pela nobreza que se sustentava pelos tributos absurdos, os quais anteriormente motivo para a elite lutar. Fez com que intensificasse a criação da república velha.

O paradeiro final de Cruz Cabugá foi a Bolívia como embaixador do imperador que fantasiado com as conquistas de Napoleão observou as qualidades deste. E na América espanhola passou seus últimos dois anos de vida. Isso nos trás de novo a perguntar da capacidade deste diplomata que fora desprezada e de imenso valor. Pouco estudado e merece mais da parte da historiografia analisar detalhes dos documentos pessoais dele.

Essa revolução foi um marco e inspiração para outras e perceberem a fragilidade que havia no momento os portugueses no Rio. Que tiveram de construir um exército mercenário para impedir maiores desastres. Como vinham afetando outras províncias no nordeste descritas pelos presidentes delas por munição e mantimentos.

Apesar de ter durado pouco tempo a revolução fez mais estardalhaço do que outras por vir mostrando o apelido de Leão do Norte ao Estado o qual hoje influencia na esperança e cultura pernambucana. Os significados liberais mostram como a semiótica deve ser trabalhada em futuros projetos da primeira grande ação internacional deste lugar.

A mentalidade dos membros da maçonaria estava também presente na França e com destaque para os princípios de igualdade, fraternidade liberdade para a época de filósofos franceses não só repercutiam nas colônias inglesas e que iam muito longe com a mitificação do monstro do general Napoleão Bonaparte e suas conquistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>10</sup> VEIGA, Gláucio. *O cônsul Joseph Ray, os Estados Unidos e a Revolução de 1817*. Revista do Instituto, Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Recife, v. LII, 1979, p. 267-284;





Os revolucionários não foram os únicos a se rebelar contra o reino unido do Brasil muitas outras províncias foram instigadas por americanos e a má relação dos brasileiros com os ingleses prejudicando seu comércio. O monopólio do mercado aos britânicos pelo tratado dos portos em 1810 fez uma revolta de cariocas contra o governo em 1817 com a liderança Gomes Freire de Andrade, porém fracassou e essa mesma insatisfação fez a Revolução Pernambucana.<sup>11</sup>Tais ações explicam como a condição externa influencia no Brasil. Sendo a independência americana só uma parte da soma do que estourou o conflito ocorrido nessa região e por seguinte em outros locais. Sendo as duas recém formadas republicas não inspirações exatamente, mas a causa direta da independência curta de desta província e depois de toda a colônia.

As constantes guerras prejudicaram o mercantilismo e mais o acordo luso com os ingleses não só criou inimizade com os luso-americanos como norte-americanos lutaram pelo território para negociar seus produtos. Que aqui foram atacados por frotas de britânicos contra embarcações americanas na costa do nordeste. Trazendo novas perguntas a se pesquisar sobre a indicação dos interesses dos Estados Unidos e de outros países sobre os continentes americanos como novo mercado. E de como essa situação criou a teoria do pan-americanismo teve mais ideologia econômica do que realmente republicana.E conseqüente isso fez as disputas dos europeus pelo território africano modificando a cultura política do mundo. Logo, a necessidade de Napoleão não era só sua, mas da Inglaterra se expandir e da América.

## REFERÊNCIAS

Bandeira, Luiz Alberto Moniz. **O Feudo- A casa da Torre de Garcia D'Avilla: da conquista dos sertões a independência do Brasil.** Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro-RJ, 2007, 602p.

Cavalcanti, Carlos Bezerra. **Efemérides Pernambucanas.** Ed. Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, 2009.

Costa, Francisco Augusto Pereira da. **Diccionario Biographico de Pernambucanos Celebres.** Ed. Typographia universal, Recife-PE, 1882. (Biblioteca digital do Senado Federal).

KAHLER, Mary Ellis. **Relations between Brazil and the United States, 1815-1825, with especial reference to the revolutions of 1817 and 1824.** Washington: The American

---

<sup>11</sup> Bandeira, Luiz Alberto Moniz. O Feudo- A casa da Torre de Garcia D'Avilla: da conquista dos sertões a independência do Brasil. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro-RJ, 2007, 602p;



University, 1968. Tese (Doutorado em Filosofia) – American University, Faculty of the College of Arts and Sciences, 1968.

MARIZ, Vasco. **Napoleão Bonaparte e a Revolução Pernambucana de 1817**. R IHGB, Rio de Janeiro-RJ, a. 170, n. 444, pp. 13-440, jul./set. 2009.

Mello, Mario. **A Missão Diplomática de Pernambuco em 1817**. Jornal do Comércio, Recife-Pe, dias 4 e 5 de setembro, de 1939.

Mourão, Gonçalo de Barros Carvalho e Mello. **A revolução de 1817 e a história do Brasil: um estudo de história diplomática**. – Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009, 352p.

**Pernambuco e os Estados Unidos**. Artigo publicado no Diário de Pernambuco, na edição de 02.05.2006. Humberto França é escritor, chefe de projetos especiais do Museu do Homem do Nordeste e responsável pelo Espaço Cultural Mauro Mota, da Fundaj.

Silva, F. C. de Lemos e. **Os Mártires Pernambucanos Vítimas da Liberdade Nas Duas Revoluções Ensaiadas em 1710 e 1817, 1853**. (Biblioteca digital do Senado Federal).

VEIGA, Gláucio. **O cônsul Joseph Ray, os Estados Unidos e a Revolução de 1817**. Revista do Instituto, Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Recife, v. LII, 1979, p. 267-284.

VIANA, Hélio: **História do Brasil**, São Paulo, Melhoramentos - 1992, p.389; **"O Cabugá, de revolucionário a diplomata (1817/1839)"**. In *Vultos do Império* - São Paulo, 1968, pp.6-30.